

# A SAPATARIA PORTUGUEZA

Jornal profissional interessando a industria do calçado e outras que lhe são correlativas

Orgão da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado

Director e redactor principal: MANUEL GOMES DA SILVA — Sub-director: ALFREDO CARVALHAL

Assignaturas	REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO	Annuncios
Por series de 6 ou 12 num. (cada n.º) 30 réis	Rua dos Correios, 211, 1.º (vulgo T. Palha)	Cada linha ..... 20 réis
Provincias, idem..... 40 "		Quando acompanhado de desenhos, gravuras, modelos ou moldes, será augmentado o preço da assignatura do jornal.
Extrangeiro e Colonias, idem..... 50 "		
Brazil, idem..... 60 "		

## EXPEDIENTE

Este numero do nosso jornal leva a data de 17 de junho, porém foi bastante retardada a sua impressão pela necessidade de habilitar **novo editor**, desde que falleceu aquelle que tinha essa responsabilidade.

Damos aos nossos assignantes esta explicação, justificando a irregularidade, a que fomos obrigados por força maior.

## Mais impostos

**E**is afinal em que mais principalmente se distinguio o salvaterio proposto pelo actual sr. ministro da fazenda.

O conjunto das suas propostas fazendarias, as palavras do seu relatorio dando de quando em quando idéa de favorecer o pobre e o fraco, originaram as primeiras impressões de sympathia.

Tanto dó pelos fracos e pobres (tambem ha muitos pobres de fraque e chapéu alto)! Afinal se chegou a ferir não pouco no grupo, que as boas palavras do relatorio faziam crer a principio seria poupado.

Mais um que se enganou e este acreditamos na melhor intenção. Desenganem-se, *espremer um limão já espremido tantas vezes, resultado insignificante sumo, e ainda augmento da miseria.* A crise da decadencia das familias avançará; o commercio e o trabalho *ainda* continuarão por isso soffrendo pela fraqueza dos haveres e dos interesses da grande maioria da população.

A emigração, eis um recurso dos que ainda podem esquivar-se á continuação dos erros da administração publica em Portugal. A fome alastra-se. O recurso á caridade é extensamente explorado. Até com o suicidio se procura o termo dos soffrimentos!

Não são só os operarios, os trabalhadores do campo e da officina que são dignos de contemplação; o mal estar, resultado da immensidade dos desvarios, já chegou a reduzir a condições tambem dignas de contemplação muitos chefes de officinas, muitos commerciantes, muitos empregados no commercio e muitos funcionarios publicos!

Para chegarmos a este convencimento analysamos e commentamos o que observamos e ouvimos ao lidar com as diversas camadas sociaes; é pequeno o grupo dos que ainda podem com mais impostos. A habilidade distinguir-se-hia em saber tocar justamente aonde não havia a receiar augmento de miseria.

Grande erro do ministro julgando azada occasião para agravar a critica situação do povo.

Quiz á sua vez matar o *deficit*, e o valente reaparecerá animado pelos desperdicios que não cessam, pelas despesas que não se evitam.

## Associação Industrial dos Lojistas de Calçado

Representação relativa ao tratado de commercio com a Alemanha

*Ill.º e ex.º sr. ministro dos negocios estrangeiros.*

A Associação Industrial dos Lojistas de Calçado, com a sua séde n'esta cidade de Lisboa, rua dos Correios, n.º 211, 1.º andar, tem a honra de se dirigir a v. ex.ª, na qualidade de digno ministro dos negocios estrangeiros, afim de sollicitar que no tratado de commercio actualmente em negociação com a Alemanha, em troca de vantagens equivalentes em favor de Portugal, se concedam áquella nação redução na pauta geral aduaneira, em artigos que interessam a industria do calçado, e n'ella se acham muito sobrecarregados.

Estes artigos são os seguintes, comprehendidos na classe 2.ª da pauta:

N.º 32—Couro ou pelles, marroquim, amarroquinados, cada kilog. 600 réis.

N.º 33—Couro ou pelles cortidas não especificados, cada kilog. 500 réis.

N.º 36—Pellicas sem distincção de cor ou acabamento e para qualquer applicação, cada kilog. 1.º000 réis.

Consta que a commissão incumbida da revisão da pauta, tenciona propor as seguintes alterações:

No n.º 32, o additamento da palavra e *similhantes*.  
No n.º 33, que sejam especificados os couros ou pelles envernizadas ou frisadas, com o direito especial de 400 réis cada kilog.

A industria do calçado desde muitos annos teve de recorrer, e apesar de tudo ainda precisa importar do estrangeiro muitos artigos, principalmente da Alemanha e França, e sem os quaes não pôde proporcionar aos consumidores belleza e commodidades, a que se habituaram desde muitos annos com a anterior pauta e antigos tratados, em que a sua importação foi mais facilitada. Além de que a industria do calçado tem de concorrer nos mercados do Brazil e Africa com outras nações que gosam a grande vantagem de possuir as materias primas, que nos chegam mais caras pelos encargos commerciaes e pautaes, não nos tendo até agora sido concedida uma compensação como restituição dos direitos pagos quando se faz a exportação. E esta tem enfraquecido extraordinariamente, porque a concorrência n'aquelles mercados, principalmente pela carestia dos nossos preços, não nos dão margem.

N'esta epocha, em que se entendeu com acerto fomentar as diversas industrias em Portugal, a dos cortumes que pôde e deve alargar-se, foi na nova pauta protegida com direitos elevados, os quaes melhor diremos exaggerados. Ora materias primas para industrias nossas podiam ou podem alcançar razoavel ou mesmo ainda forte protecção, sem que o exaggero prejudique quaesquer industrias nacionaes que d'ellas dependam.

Successivas reclamações n'este sentido teem sido feitas pelos industriaes do calçado, sem que até agora fossem attendidas; esperou-se pela negociação dos tratados de commercio, nos quaes em troca de favores ao nosso paiz, especialmente á agricultura, finalmente algumas das principaes materias primas passem a ter menor tributação, a qual ainda imparcialmente fallando não prejudicará no paiz a creação ou desenvolvimento das respectivas industrias.

Os marroquins, amarroquinados e similhantes, em que se comprehendem os chagrins, chagrinnados, cordovões, carneiras e pelles miudas tintas diversas, pagando pela pauta antiga 355 réis, e pela nova pauta 600 réis, julga esta associação que em pauta convencional o direito de 450 réis ainda é protector.

Os couros e pelles envernizadas lisas ou frisadas, pagando pela antiga pauta 355 réis, pela pauta vigente 500 réis, e segundo a commissão revisora 400 réis, parece á Associação que o direito de

300 réis ainda será protector, quando aliás se trata de artigo que geralmente é considerado difficil de se aclimar entre nós.

No art. 33—Pelles ou couros cortidos não especificados, se comprehendem pagando o direito de 500 réis, as pelles pretas engraxadas, vulgarmente conhecidas como pelles de vitellas em preto (*veaux cirés*). A sua importação tem sido enorme, proveniente da Allemanha e França. A industria nacional começou recentemente a produzi-las, ainda em pequena escala, merece justa protecção, mas em pauta convencional marcando-se o direito de 360 réis ainda fica protecção, e é direito superior ao antigo de 285 réis. Em epocha do direito de 285 réis poudo a industria nacional expulsar do mercado a mesma pelle de vitella preparada em branco.

Pellicas para qualquer applicação—Eis uma classificação pelo seu laconismo confusa e em parte na tributação extraordinariamente injusta na pauta vigente, art. 36.

Em primeiro logar existe confusão porque a definição do que seja pellica não é bem conhecida por muitos dos empregados aduaneiros, e diga-se com verdade mesmo por muitos dos que lidam com o artigo.

Dizem uns pellica é toda a pelle pequena, outros é toda a pelle grande ou pequena cortida a alumen ou a pedra hume, e outros chegam a acceptar como pellica qualquer pelle a que o vulgo mais ou menos experiente denominar pellica. Nós indicaremos como clareza para o expediente aduaneiro, que unicamente se admitta como pellica a pelle cortida a alumen ou pedra hume.

Existem pelles pequenas, a que alguns sapateiros erradamente chamam pellicas, não são ellas cortidas a alumen e cabem acertadamente no grupo do art. 32 da pauta com a taxa de 600 réis.

Pellicas cortidas a pedra hume são empregadas especialmente na luvaria, em grande quantidade, pelles de cabrito, carneiro e borrego com bastante elasticidade; pagavam pela antiga pauta réis 920, passando a 1.7000 réis, houve apenas um augmento de 9%, quando ha a proteger e a acautelar a industria dos cortidores d'esta especialidade, que existem muitos em Alcanena, Lisboa e Porto. As duzias d'estas pellicas regulam pesar pouco mais ou menos um kilog.

As pellicas para calçado, pelles maiores, mais pesadas, mais grossas, menos elasticas, pagavam antes como pelles tintas a razão de 355 réis, elevado o direito a 1.7000 réis, ha um augmento de 181% (!); exaggeradissimo, se é artigo que todo se importa ainda, e no qual agora um fabricante diz estar fazendo ensaios. A duzia mais pequena d'estas pellicas pôde regular 3 kilos, pelo peso, pela apparencia e á simples vista, os conhecedores nunca se poderão enganar em as separar da pequena pellica para luvas.

Contra a deliberação de juntar as duas pellicas não cessam os protestos dos queixosos. Não se pôde justificar o augmento de 9% n'aquellas que se produzem no paiz, e de 181% nas que ainda não se fazem, e quando a industria nacional tiver a gloria de as fornecer, não precisará de uma protecção exaggeradissima.

Se a commissão revisora da pauta não corrigir o erro da pauta geral, só resta o recurso da pauta convencional, onde se separe a pellica para calçado, que pelas razões expostas carece de redução, emquanto que a pellica para luvas, em vez de redução, antes lhe cabe a elevação para 1.7000 réis.

A nossa Associação pois pede que na pauta convencional se inscreva:

Pellicas, cortidas a alumen, duzias pesando 3 ou mais kilogrammas, cada kilog. 400 réis.

Lisboa e casa da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado, aos 24 d'abril de 1893.

A mesa da assembléa geral

O PRESIDENTE

Manoel Gomes da Silva.

O 1.º SECRETARIO

Alfredo Dias de Sousa Carvalho.

O 2.º SECRETARIO

Augusto de Sousa Pereira da Silva.

A DIRECÇÃO

João Ricardo de Souto.

Julião A. G. Raposo.

João Claudio Quirino Rosa.

## Representação á camara dos srs. deputados contra o augmento da contribuição industrial

SENHORES DEPUTADOS DA NAÇÃO PORTUGUEZA.—A Associação Industrial dos Lojistas de Calçado, com sede em Lisboa, na rua dos Correios n.º 211, cumprindo-lhe defender os interesses da corporação que representa, vem perante a camara dos srs. deputados da nação portugueza reclamar contra a parte que lhe diz respeito e se contém no projecto de lei n.º 117 C, apresentado pelo sr. ministro da fazenda á vossa approvação, e no que a corporação

(fabricantes ou mercadores com estabelecimento, vendendo calçado por medida ou avulso) entende exagerado e injusto, segundo os fundamentos que esta Associação tem a honra de vos fornecer.

Os industriaes de calçado reconhecem o seu dever de contribuir para os encargos ordinarios do Estado na proporção dos seus interesses, e extraordinariamente dentro do possível para acudir ás graves crises do thesouro, quando a nação possa carecer de mais recursos para sustentar o credito e a honra do nome portuguez.

Por isso a successivos aggravamentos de impostos se tem já prestado na esperança de que os sacrificios dos contribuintes conseguiriam o sempre allegado pretexto do equilibrio do orçamento do Estado. Não se havendo realisado em vez nenhuma essa aspiração, e pelo contrario, tendo sido o paiz arrastado a maiores perturbações no seu credito e na sua fazenda, os contribuintes, feridos por consequencia nos seus interesses individuaes, na sua grande maioria estão impossibilitados de se prestarem a mais impostos, quando a crise nacional e geral até para continuarem os actuaes não lhes facilita o pagamento.

Existem provas evidentes do estado afflictivo e difficil a que foram, pelos successos, arrastados os contribuintes e as familias. Os impostos de consumo rendem menos, chegou-se a cercar a alimentação. A propriedade foi prejudicada, o aluguer da habitação é actualmente encargo difficil. O trabalho industrial é menor desde que os consumidores não tem recursos para o sustentarem como d'antes. O commercio enfraqueceu na proporção.

Falta portanto á verdade quem quizer continuar a affirmar a celebre phrase: — *o povo pôde e deve pagar mais.*

O actual sr. ministro da fazenda não acertou quando querendo favorecer os menos felizes, se esqueceu de que nas classes industrial e commercial ha, em grande numero, cidadãos que não são ricos e lutam com difficuldades maiores de que os operarios que ganham 700 ou 750 réis em dia util, os quaes o sr. ministro julgou merecerem a dispensa de qualquer contingente para a contribuição industrial.

Não está ainda averiguado que no orçamento das despezas não haja mais que cortar; os contribuintes julgam que para extinguir o deficit ainda existem verbas que não se justificam n'um estado como de fallencia, n'um estado intoleravel de se gastar mais do que se recebe.

Que os ricos poderão contribuir com mais para o Estado não se contesta, mas exigir aos meros afortunados mais encargos actualmente, terá como consequencia a diminuição do numero dos contribuintes; já se vêem escriptos nas lojas no centro da baixa, irrá crescendo o numero.

Senhores deputados da nação portugueza, os 303 cidadãos inscriptos na matriz da contribuição industrial dos sapateiros fabricantes e mercadores não são 303 homens ricos.

A sua maioria é fraca de recursos de capital, os repartidores da contribuição do gremio o podem comprar, e os srs. escriptores de fazenda não o devem ignorar, mais especialmente com relação aos bairros 1.º e 4.º da cidade.

Eis uma estatistica resumida da repartição do gremio no anno de 1888, pela qual se prova ser muito menor o numero de cidadãos que foram collectados a mais da taxa de 11.000 réis, e apenas 14 a mais de 26.000 réis.

Com 46.000 a 40.000 réis.....	2
» 36.000 a 30.000 ».....	6
» 28.000 a 26.000 ».....	6
» 25.000 a 21.000 ».....	14
» 19.000 a 16.000 ».....	26
» 15.000 a 10.000 ».....	32
» 11.000 réis a taxa.....	55
» 10.000 a 8.000 ».....	36
» 8.000 a 6.000 ».....	70
» 6.000 a 5.000 ».....	16
» 5.000 a 4.000 ».....	30
» 4.000 a 3.000 ».....	10

Resumindo ainda:

Acima da taxa.....	86
Indevidamente inscriptos.....	55
Abaixo da taxa.....	102

O fundamento de que a pauta aduaneira protectora de 1892 justifica o augmento da contribuição, não colhe no ramo industrial do calçado. Pois que apesar de diminuir a importação estrangeira, a crise não permite fabricar e vender mais calçado nacional, cruel verdade. A classe, pelo contrario, teve na pauta origem de diminuição de lucros. A pauta augmentou os direitos sobre materias primas estrangeiras de que não se pôde prescindir, a pellica augmentou 18% por cento, e baldadas tem sido as nossas reclamações para a sua redução!

Crescendo o custo do nosso producto, os consumidores reagem, não o aceitam na sua grande maioria, não podem pagar mais, dizem. E para maior contrariedade os vendedores, que são muitos e precisam apurar dinheiro, annunciam calçado barato,

quando a materia prima está mais cara! A exportação do calçado diminuiu, para o Brasil tinha sido muito importante. Enfraqueceu o trabalho, reduziu-se o lucro, não está portanto a classe em condições de supportar mais e mais agravamentos de impostos.

A Associação Industrial dos Lojistas de Calçado, considerando todas as circunstancias, quer da parte do Estado, quer da parte da corporação, sente não poder apoiar qualquer augmento na taxa actual da contribuição industrial da classe, por isso que entende:

1.º que pelo contrario a taxa de réis 11.5000 merece redução, a continuar o gremio formado como até agora, e a terem diminuído os lucros dos vendedores:

2.º que a matriz carece de alteração, pois que é evidente que um grande numero de aggremiados não lhe devem pender e precisam ser collectados em menos e muito menos, se d'elles até o fisco pretende haver alguma cousa:

3.º para o aperfeiçoamento da matriz deve concorrer o auxilio official dos representantes do gremio no anno anterior:

4.º que por esse serviço e pelo trabalho da repartição os representantes do gremio merecem uma percentagem a deduzir nas suas collectas.

Eis o que esta Associação imparcial e conscienciosamente vos pôde dizer sobre assumpto tão delicado, e espera que a força da razão e da justiça vos guie nas deliberações a tomar ácerca da nossa representação.

Lisboa e casa da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado, rua dos Correeiros, 211, aos 14 de junho de 1893.—*Manuel Gomes da Silva—Augusto de Sousa Ferreira da Silva—João Ricardo do Souto—Julião Raposo—Daniel Fernandes—Alfredo Dias de Sousa Carvalho.*

Em virtude da autorisação em reunião da classe em 14 do corrente, e de accordo com o digno representante da Associação dos nossos collegas portuenses, foi fornecida á illustre commissão de fazenda dos srs. deputados a seguinte alteração nas tabellas da contribuição industrial:

*Sapateiros — Classe 6.ª*

Fabricante por systema mechanico ou manual ou mercador, vendendo calçado em larga escala.

*Sapateiros = Classe 7.ª*

Fabricante ou mercador com estabelecimento, tendo calçado em exposição para venda avulso.

*Sapateiros — Classe 8.ª*

Fabricante sem estabelecimento de venda, mas trabalhando por conta propria em loja ou andar.

**Cooperativa Industrial dos Lojistas de Calçado**

Balancete em 31 de março de 1893

ACTIVO

Socios .....	1:030\$000
Caixa .....	320\$310
Monte-pio Geral .....	307\$815
Fazendas Geraes .....	5:129\$385
Devedores .....	1:278\$725
Juros a cobrar .....	5\$730
Moveis e utensilios .....	10\$000
Gastos Geraes .....	112\$920

*Réis*.... 8:194\$885

PASSIVO

Fundo de garantia .....	3:590\$000
Fundo de reserva .....	200\$000
Fundo fluctuante .....	48\$182
Capital a realisar .....	1:030\$000
Juros de Capital (annos de 1891 e 1892) .....	38\$745
Bonus de 1891 .....	6\$740
"    "    1892 .....	117\$718
Credores .....	3:097\$855
Gratificações .....	50\$000
Ganhos e perdas .....	15\$045

*Réis*.... 8:194\$885

**Associação Industrial Portuense dos Lojistas de Calçado**

**Agradecimento e despedida**

João Pinto, tendo terminado a missão de que estava encarregado pela Associação de classe dos Lojistas de Calçado do Porto, na qualidade de seu presidente agradece por este meio, por não ter tempo para o fazer pessoalmente, as provas de consideração e estima que recebeu durante a sua estada n'esta cidade, á digna direcção e mais membros da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado, d'esta cidade. Equalmente agradece o auxilio que prestaram para ver se d'esta vez conseguiremos dividir a classe em tres gremios distinctos, necessidade esta ha muito reclamada. Especializando os particulares amigos os srs. José Antonio Fernandes Junior, Manoel Gomes da Silva e João Arriaga, offerece a estes e a todos os collegas o seu prestimo na cidade do Porto. Lisboa, 17 de junho de 1893.

*João Pinto.*

**Secção Industrial**

**A importação dos couros e pelles**

A nossa principal importação de pelles em bruto ou preparadas é do Brasil, d'onde recebemos annualmente mais de 1:500 toneladas, com valor superior a 400:000\$000 réis, seguindo-se a este imperio o Uruguay, que nos manda em volta de 25 toneladas, no valor de 80:000\$000 réis; Angola, 160 toneladas, no valor de 34:000\$000 a 36:000\$000 réis; a Allemanha, 145 toneladas, valendo 54:000\$000 réis; a Hespanha, 113 toneladas, no valor de 34:000\$000 réis; a Inglaterra e Cabo Verde, 78 toneladas, com o valor de 20:000\$000 réis as remessas do primeiro paiz e 17:000\$000 as do nosso archipelago. Apenas recebemos de França 39 a 40 toneladas de pelles e couros, com o valor de 13 a 14:000\$000 réis. O resto da nossa importação d'estas mercadorias, que é no total de mais 2:300 toneladas, com valor excedente a 700:000\$000 réis, é preenchido pela Belgica, Estados-Unidos, Confederação Argentina, Guiné e S. Thomé e Príncipe.

Das ultimas duas origens recebem-se da primeira 3 a 4 toneladas, no valor de pouco mais de 1:000\$000 réis, e da segunda 2 a 3 toneladas, valendo 600\$000 a 700\$000 réis.

As pelles ou couros verdes veem do Brasil, Allemanha, França, Hespanha e Inglaterra, apenas em quantidade não attingindo 200 toneladas nem 36:000\$000 réis de valor; o resto são tudo pelles ou couros seccos. Assim, os direitos cobrados pelos primeiros muito pouco excedem 2:000\$000 réis, entretanto que os dos ultimos vão acima de 32:000\$000 réis.

**Como se faz o preço no matadouro**

É curioso o modo usado pela marchanteria de Lisboa para fixar o preço dos couros: «são negociados, não em relação ao seu peso real, mas sim em referencia ao peso da carne limpa das rezes a que pertenciam.» Segundo esta base, fixando-se actualmente em 370 réis por 15 kilogrammas de carne limpa o valor para a courama, e tendo sido o rendimento medio das rezes abatas no triennio de 1886 a 1888 de 240 kilogrammas de carne n'aquelle estado, o preço medio de cada couro, tomada esta media, andarà hoje por 5\$920 réis.

(Relatorio do inspector geral do serviço tecnico, F. Mattoso dos Santos, 1889, pag. 7 e 8.)

**Secção Commercial**

**O negocio em Lisboa**

Em maio desenvolveu-se maior somma de trabalho na sapataria, todavia não foi como em maio do anno anterior. O retrahimento, dispendendo menos, dos individuos que mais podem, e a abstenção dos que mais não podem é manifesto. Para melhorar a crise decidiu o actual governo augmentar a contribuição industrial!! Será mais um motivo para a agravar.

**Preço da sola**

Ainda não subiu de preço a sola, a offerta é grande e o consumo é menor. O plano dos conluiados para a carestia encontra embaraços. Tambem o calçado precisa subir, e em vez de subir se

vende por menos! Todos estamos descontentes, n'estas alturas quem tiver rendimentos o melhor é deitar-se a dormir e estudar como evitar o exagero da contribuição industrial remodelada.

### Correspondencia do Porto

#### O trabalho na sapataria—A contribuição industrial—O fallecimento de dois collegas

No mez de maio sentia-se maior animação de trabalho nos estabelecimentos de calçado, tanto na venda avulso como nas obras de encomenda.

Alguns estabelecimentos chegaram a lutar com a falta de artistas, falta que ultimamente se vae tornando sensível pela emigração constante do operariado para o Brazil. Felizmente Lisboa dá um grande contingente de certas especialidades de calçado que vem supprir essa falta.

Desde que os officiaes se acostumaram a trabalhar em suas casas, começou a escacear o numero de artistas bons, porque desde que lhe falta a officina falta a escola, aonde se aperfeiçoavam, assim é triste vêr hoje a maior parte dos artistas, rapazes novos, não sabendo mais que fazer concertos. O numero dos bons já era pouco, mas mais reduzido ficou desde que muitos d'estes foram para as terras de alem-mar, em procura de maiores venturas que a patria ingrata pelos constantes maus governos não lhes pôde recompensar a sua actividade.

Oxalá que aquelles que abandonaram a patria sejam mais felizes do que cá foram, e oxalá que nos enganemos, mas a continuarem os governos no seu trabalho incessante de augmentar as contribuições, dentro em breve não veremos só os operarios, veremos tambem os proprios industriaes fecharem suas lojas e tomarem o mesmo caminho.

Era já com difficuldade, e não grande, que se fazia a distribuição da collecta industrial, sendo a taxa no Porto apenas de réis 9.000, agora que o sr. ministro da fazenda projecta elevar essa taxa a 28.000 réis, com certeza muitos estabelecimentos terão de fechar.

Pensar em elevar o Porto a terra de 1.ª ordem, fazendo pagar taes contribuições, é uma falta de censo, pelo menos cá pela nossa industria bem o podemos censurar, pois para terra de 1.ª ordem achamos demasiado o numero dos que não gastam 10 réis em calçado, offerecendo os seus pés nus e descarnados aos olhos dos poucos viajantes que nos visitam, e além dos que andam descalços ha grande numero com o tradicional tamancó portuense. Para terra de 1.ª ordem achamos demasiada semcerimonia.

Temos, porém, esperança que o digno ministro attenderá a representação que sobre tão despropositada tarifa, a Associação Industrial Portuense dos Lojistas de Calçado lhe entregou pela mão de um seu emissario o digno presidente, nosso collega João Pinto, o qual não perdeu a occasião para expôr de viva voz ao digno ministro os males que affectam a nossa classe, e a impossibilidade de uma tão alta contribuição.

Esta associação, que tão util tem sido á classe e continúa vigilante em tudo que possa ferir os interesses dos seus associados, acaba de passar n uma só semana por um golpe bem crueficante, a perda de dois socios, os srs. Francisco Pinto Sequeira e Manoel Caetano Ferraz, que falleceram com intervallo de dois dias; ambos eram muito considerados pelo seu character serio e honrado.

Ambos foram dois trabalhadores incansaveis e ambos quando mais novos contribuíram muito para o engrandecimento de duas associações que aqui houve em tempo, uma a Associação Industrial dos Sapateiros da qual fazia parte dos corpos gerentes o finado Manoel Caetano Ferraz, tendo-se distinguido entre outros serviços o ter esta associação concorrido pelo seu intermedio para o levantamento da estatua de D. Pedro V que se eleva na praça da Batalha.

A outra, a Associação União dos Sapateiros, uma especie de cooperativa, que tantos serviços prestou á classe vendendo sola, cabedae e todos os utensilios aos socios e não socios por preços muito convidativos, d'esta Associação fez parte o fallecido Francisco Pinto Sequeira, que bastante magua sentiu quando esta Associação teve de terminar pela má administração de que ultimamente se resentiu.

Muito ha a dizer d'estes dois characteres serios que a sapataria portuense acaba de perder, mas o espaço é pequeno, guardando-nos para outra occasião mais adiantar.

Porto, 16 de Junho.

Julio Gomes.

### Secção de Correaria

#### As associações de classe em Portugal

Poucos dias restam para que finde o praso marcado nas regiões officiaes, em que as associações de classe tem de legalisar a sua existencia em harmonia com o decreto que sobre ellas foi promulgado.

Das classes que no nosso paiz exercem uma funcção laboriosa, poucas são aquellas que olvidaram a corrente vivificante que as leva a procurar e unificar os seus membros com o fim de estabelecer uma acção commum, na qual se fortaleça e avigore o sentimento da força collectiva, para arcarem com a solemne responsabilidade que o estado presente estabelece, de forma decisiva e em face do qual se tornam duplamente culpados os que preferem a actual depressão moral, a um engrandecimento generoso e levantado d'um provir consentaneo, com as aspirações que modernamente embriagam os espiritos, e procuram n'uma tendencia nobilitadora, enaltecer e fortificar os characteres.

Este symptoma benéfico, com que o operariado aneia por se lançar na via luminosa da sua regeneração, não deixa de ter precedentes entre nós, e jámais, sem uma piedosa saudade, desdobramos as paginas da historia passada, em que as classes productoras cobriam á sombra das suas bandeiras d'officio as prerogativas e privilegios que os governos lhes concediam.

Foram bons tempos esses em que o povo compartilhando da sorte commum, mantinha bem vivido o sentimento innato da solidariedade, e o echo dos seus protestos, rarissimas vezes deixava de ser ouvido.

Quebraram-se em virtude de causas varias e complexas as tradições d'esse periodo, que embora eivado do auctoritarismo característico da epocha, em que se desenvolveu, não deixa todavia para os espiritos investigadores de encerrar serias e proveitosas lições.

O renascimento do movimento associativo portuêz, inicia os seus primeiros esboços com as associações mutualistas.

Pertencem já á vasta legião dos que descançam eternamente, a grande maioria dos que entregaram a esse movimento, a consagração augusta dos seus esforços e a mais bella e a mais nobre das suas dedicações.

Infelizmente para nós todos d'essas aureas esperanças então cercadas de mimoso culto, é bem pouco animador o que hoje resta. As associações de soccorro mutuo, não poderam escapar ao mercantilismo que em nossos dias tudo domina.

Apagaram com mão sacrilega o ideal fortificante, a cuja sombra protectora havia desabrochado a sua origem e hoje varrida a comprehensão d'uma fraternidade intima assumem o character secco e informe de puros syndicatos commerciaes.

Diante d'este desabar de crenças, em face da perturbação que corrompe e vicia as organizações mais sadias e mais robustamente esperançosas, o povo trabalhador sentiu-se por um instante abatido e entregou ás incertezas do acaso, o vacillante destino da má sorte e do seu futuro.

Chegou porém a hora de invocar com nitidez a razão fria e salutar.

Viu que estava disperso, isolado, joguete de todos os caprichos, victima dos mais torpes vexames, entendeu enfim que era vindo o tempo em que se devia relacionar com os seus irmãos de martyrio, constituindo na associação uma barreira inexpugnável por detrás da qual podia altivamente trabalhar e combater.

Viu mais que para além do territorio que lhe foi berço, os operarios constituem associações que pelo numero e pela unidade que os fortalece, os faz tornar respeitadas diante das classes estranhas ainda mesmo d'aquellas que á primeira vista mais adversarias se afiguram.

(Continúa).

### Relatorio

#### Do delegado da classe de correiros, ao visitar a Exposição Universal de Paris em 1889

(Continuação)

As catrapasmas, igualmente sem costuras visiveis, são direitas e inteiras em todo o seu comprimento, sendo abahuladas ao ponto de formarem perfeita meia-canna, que, juntamente com os suadoiros, que não são bastiados e representam a mesma figura invertida, ficam redondas ou cylindricas, tendo de permoeto um vivo.

Na altura correspondente, as pontas, denominadas *pontas dos braços*, tem estas catrapasmas umas aberturas, que deixam passar cordões de coiro presos nos parafusos, os quaes vão rematar com as pontas dos ventrilhos.

Estes ventrilhos são forrados de vitella polida, dobrada de modo a formar rebordo ou vivo de ambos os lados.

Os tirantes são de coiro em forma de cordão, cravados nos gonzos dos ferros das coalheiras, tendo pontas chatas que afixam em pequenos braços, que formam as competentes voltas para trabalharem em gonzilhos.

São tambem em cordão os sobre-lombos, sisgolas, focinheiras, tesouras, etc., etc., que, assim como os polimentos dos ant'olhos, soberbas, gamarras e descanchos, não apresentam costura alguma visivel.

O fabricante denomina-os *arreios de facil limpeza*, com toda a razão, porque, sendo a maior parte das peças feitas em cordão, tratam-se com facilidade.

Surpreendem pela novidade, produzindo ao mesmo tempo bom effeito á vista, sobretudo as catrapasmas.

Expunha ainda arreios para tiro de quatro cavallos, proprios, segundo o *autor*, para passeio no campo.

Estes arreios eram da coiro preto, ferragem amarella de meias fivelas, com coalheiras de coiro branco, *côr natural*, e, no que diz respeito ao acabamento, era, como o dos anteriores, perfeitissimo, mas, a combinação das coalheiras brancas com o resto dos arreios pretos, desagradou-me completamente á vista; contudo, tive occasião de vêr arreios d'este genero, principalmente arreios d'um só cavallo, a caminho do Bosque de Bolonha.

No meu entender, os arreios todos de coiro branco ou amarello são os mais proprios e uteis para este serviço: proprios pela *côr*, uteis pela facil limpeza.

Quando os arreios sejam ornados com brazões, monogrammas, etc., parece-me de toda a utilidade o que se faz em Paris, que consiste em collocar estes brazões ou monogrammas sobre pedaços de polimento preto, muito resumidos e cortados em redondo ou oval, conforme os brazões, e que servem para proteger o coiro branco contra a sujidade que lhe pôde vir quando se limpam esses ornatos.

Por ultimo, esta casa expunha alguns sellins muito perfeitos, mas sem novidade alguma.

### CORREARIA VANLERBERGHE

Este fabricante, que foi premiado com a medalha de ouro, expunha quatro arreios de parelha, com ferragem de meias fivelas brancas ou amarellas, excepto nas charneiras dos braços e descancos, que tinham fivelas inteiras, como é uso no systema inglez.

Os tirantes tinham quatro costuras situadas a iguaes distancias umas das outras, excepto nas pontas onde as costuras do centro se afastam, dando maior espaço para os furos.

As catrapasmas são redondas ou direitas, tendo os polimentos collocados de modo, que a sua superficie é completamente recta; isto é, sem nenhum abahulado.

Encontrei n'este systema a vantagem de não ser necessario opprimir os polimentos para os abahular, evitando que os operarios sejam desfeiteados como muitas vezes lhes acontece, quando trabalham com polimentos ordinarios, que gretam facilmente ao querer dar-lhe aquella fórma.

Expõe tambem um arreo de parelha, com uma combinação de ferragem branca e dourada verdadeiramente original, da fórma seguinte: todas as fivelas são de metal branco com casquinha de prata; são ainda do mesmo metal, as meias luas, parafusos, ganchos, passa-guias das catrapasmas e ferros das coalheiras, argolas duplas que ligam os polimentos dos descancos e gamarras, brinços, laços, etc. No cimo dos ganchos, no centro dos laços, nas cadeias dos brinços e ornatos dos braços, teem brazões e monogrammas dourados, e nas passa-guias pequenas cobras tambem douradas, enroscadas na parte superior.

Todos os polimentos são ornamentados com brazões e monogrammas dourados. Na composição d'estes arreios demonstrou mr. Vanlerberghe que senão prendia com rigores de estylo, nem com praxes rotineiras, tendo só em vista produzir uma combinação agradável, não esquecendo até juntar-lhe alguma cousa util e realmente o consequiu.

Esta combinação é completamente desusada entre nós e parece-me que em Paris é tambem novidade.

Além do bello effeito que estes arreios produzem no seu conjuncto, teem a vantagem de serem dourados os brazões e monogrammas que ornamentam as diferentes peças, d'onde resulta não ser necessario empregar pó para os limpar, evitando assim que se estraguem os polimentos em que os mesmos são collocados.

Expõe tambem um arreo para cavallo só, com ferragem branca, em meias fivelas torcidas, simulando cordão; mas com alguma admiração vi que, d'este feitio, eram somente as fivelas dos braços, mangotes e os ferros da coalheira, porque as outras ainda que do mesmo formato, eram lisas.

Não conheço razão plausivel para explicar esta desarmonia; tanto mais que, muitos expositores empregam fivelas do mesmo gosto, mas todas eguaes nos mesmos arreios.

Mr. Vanlerberghe foi feliz em todas as suas innovações, excepto, me parece, n'esta; pois innovação que não se recommenda pela belleza do conjuncto, nem por reconhecida utilidade, não deve existir.

Expoz tambem alguns sellins bem trabalhados, mas simples.

(Continúa.)

### Fallecimentos

Falleceu, apóz uma prolongada doença, a mãe do nosso prezado amigo e collega Domingos da Costa Leite.

Esperada de ha muito esta cruel fatalidade, não deixou contudo de ferir pungentemente o coração do nosso amigo, que ti-

nha pela infeliz extincta a mais extrema e a mais acrisolada das dedicações.

Lamentando com viva magua o passamento d'aquella desditosa senhora, acompanhamos o nosso bom amigo na intensa dôr que n'este momento tão dolorosamente o tortura.

Foi tambem ferido no mais intimo dos seus affectos o nosso estremeado camarada e amigo Antonio Maria dos Santos, a quem a morte arrebatou brutalmente um filho idolatrado, a quem adorava com a mais santa e intensa affeição.

Deveres impostos por uma amisade inquebrantavel levaram-nos a assistir á torturosa agonia d'essa infortunada creança, tão cedo martyr do implacavel soffrimento, e sentimos ainda fremente dentro em nós uma revolta intensa e inexplicavel, alguma cousa como que um grito de maldição para com a fatalidade da sorte, que tão desapiadadamente apagou na voragem escura da morte aquella pequenina alvorada cuja fragrança e encanto juvenil constituíam a mais formosa perola engastada na aurea ventura do amor paterno.

Infeliz e desditoso innocente, meigo e sorridente lyrio impiedosamente ceifado ao alvorecer da vida, tu deixas para os que ficam um sulco immenso de infinda angustia, das regiões para onde te evolaste não poderás haurir as doces illusões d'esta existencia enganadora, mas tambem não sentirás jámais as agruras dolorosas com que o infortunio e a descrença nos açoutam e dilaceram n'este rapido caminhar tempestuoso e agreste que vertiginosamente nos vaee conduzindo para esse mysterioso incognito onde, liberto das contrariedades humanas, descanças no teu silencio e eterno somno!

Ao nosso desditoso amigo, um espirito de eleição e um coração lealissimo, nada lhe diremos. Deante da scena horrivelmente lancinante d'um pae louco de saudade e de magua, abraçando febril e convulso o corpo inerte e frio do filho ardentemente amado, regando-o com o orvalho copioso das mais sentidas lagrimas, a consciencia sente-se emmudecida, receiosa e tímida de perturbar com a banalidade commum um momento tão augusto e tão respeitavelmente solemne.

O tempo é o grande balsamo consolador que cicatriza as feridas em nós abertas pelas adversas crueldades da desgraça. Ao livro da nossa alma maguada e triste é elle quem restitue as folhas varridas pelos embates tenebrosos da desventura.

Seja, pois, esse lento mas seguro mensageiro dos grandes linitivos mais uma vez o consolador abençoado que venha espargir sobre o coração angustiado d'aquelle infeliz pae a alegria vivificante que ora jaz extincta por essa dôr tão extrema e tão profundamente aniquiladora das mais fortes energias.

### Cabeçadas preventivas

Quando presos á mangedoura, muitos cavallos teem o habito de se libertarem da cabeçada que os prende, o que dá muitas vezes logar a inconvenientes serios, principalmente, quando são dotados de mau caracter e que, vendo-se livres, perseguem com impetos raivosos os membros da sua especie que se encontram detidos.

Outros ha que levados por instinctos vulgares, habituaem-se a roer tudo quanto encontram a distancia, deteriorando a mangedoura ou mesmo quaesquer objectos que encontrar.

Para impedir que estes factos se produzam, vamos indicar dois apparatus que, além do seu custo immensamente barato, são de facil execução e ao alcance de todos que os desejarem pôr em pratica.

O primeiro d'elles (*vide desenho A*) que tem por fim impedir que os animaes se soltem, tirando arteiramente a cabeçada que os prende, é com effeito tão simplesmente a applicação d'uma siggola dupla e cruzada, tendo ao centro no ponto de cruzamento e pela parte debaixo d'este uma placa de couro quadrada.

A parte da siggola que se encontra em contacto com a placa, é ponteadada sobre esta, com o fim de manter a sua estabilidade.

Cada um dos ramos da siggola que ficam voltados para a parte superior, são munidos em cada extremidade d'uma fivela e respectivo passador, o que permite ligal-a por esta fórma ás pontas da cachaceira.

Os ramos inferiores são igualmente munidos d'um gancho de mola, em cada extremo, que prendem ás argolas lateraes da focinheira.

A sub-barba ou a parte opposta á focinheira, compõe-se de uma charneira com passador e fivela do lado de montar e de uma ponta do lado contrario, podendo assim manter-se a focinheira na largura que se desejar.

Facilmente se depreheende do que fica exposto, que este methodo que como já dissemos, assenta exclusivamente na modificação da siggola, facilmente pôde ser applicado a qualquer systema de cabeçadas das que vulgarmente se usam.

Consiste o segundo d'estes apparatus, tambem n'uma siggola de facil execução (*vide desenho B*) e cujo emprego de bastantes annos, tem manifestado os mais excellentes resultados.

Procede-se ao seu fabrico, obtendo-se uma chapa de ferro de 3 a 4 millimetros de espessura, aberta por 4 furos, como indica o desenho, e um pouco curvada no extremo mais largo, afim de se adaptar á ganacha do animal.

Os dois buracos do extremo da parte redonda, servem para fixar um bocado de cortiça com o auxilio de dois arrebites, cujas cabeças ficarão sobre a chapa e as pontas curvadas sobre a cortiça afim de a manter com segurança.

A cortiça deve chegar até aos dois buracos oppostos áquelles em que foi operada a cravação sem que todavia os tape.

Depois de cravada a cortiça sobre a chapa, procede-se ao seu aperfeiçoamento com uma lima grossa ou outra qualquer peça de ferramenta, procurando arredondal-a e dar-lhe a fórma d'um seguimento espherico e de modo que a cortiça coincida precisamente com a aresta da chapa.

No local, onde as pontas dos arrebites foram cravadas, encontrar-se-hão algumas depressões, em virtude da macieza da cortiça. Corrige-se esse defeito preenchendo essas cavidades, com a serradura da mesma cortiça junta com colla forte.

Corta-se em seguida uma placa de couro, excedendo a chapa 5 ou 6 millimetros de fórma a poder ser feita uma costura em volta.

Toma-se depois uma tira de couro de 27 millimetros de largura, por 80 centimetros de comprimento, que se dobrará a 20 centimetros de cada extremidade, de maneira a poder formar duas charneiras, em que são collocadas duas fivellas de equal largura, sendo os extremos d'essa correa unidos por uns pontos ligeiros.

Seguidamente cosem-se as charneiras acima mencionadas, juntando a cada uma d'ellas um resguardo na fivela e um passador acompanhado de duas costuras lateraes todo o comprimento da correa que constitue a sisgola que deve ser fixada solidamente á chapa por meio de dois arrebites metallicos nos furos que existem ao centro da mesma chapa.

Um bocado de couro delgado e macio é collocado sobre a cortiça, tendo-se antecipadamente applicado colla forte para se obter uma perfeita adherencia, procurando quanto possivel desvanecer qualquer dobra ou rugosidades que se formem.

Cose-se depois esta parte de couro á que guarnece a chapa, reservando uma pequena abertura pela qual se mette um enchimento de lã ou cabelo, que deverá preencher o espaço que não foi attingido pela cortiça, o qual tem de ir terminando gradualmente até junto da aresta da chapa.

Finda esta operação e fechada a abertura, dá-se-lhe o necessario acabamento.

Feito isto, pôde-se applicar a sisgola ao pescoço do animal por um meio tão simples como pratico.

Consiste elle n'uma testeira, tendo um botão de carrete em cada extremidade, aos quaes se applicam duas pontas, com o comprimento necessario para se poderem ativelar nas fivellas da sisgola.

Uma cachaceira completa o apparelho, tendo nas extremidades duas aberturas eguaes ás que devem ter as pontas e pelas quaes se ligam aos botoes da testeira.

Esta sisgola, pôde igualmente ser applicada a qualquer cabeçada usual.

É util indicar a conveniencia de a principio conservar a sisgola bem apertada, alliviando-a um pouco, quando o cavallo manifeste incommodo.

## Secção Noticiosa

**Os frades.**—Fervem as diligencias para a ressurreição dos *capuchos*; estão doídos, tenham paciencia, já ha mais gente que sabe ler. Entre parvos e selvagens dominaram e enriqueceram, agora cresceu o numero dos que estão dispostos a correrem a pau.

**A Penitenciaria em concorrência.**—Tambem a industria typographica se diz vae ser affrontada pelo governo, creando-se na Penitenciaria central de Lisboa uma officina d'este ramo de trabalho. Se os presos fossem antes empregados em agricultural os terrenos incultos na metropole ou nas colonias, não faziam mal ás industrias e antes as favoreciam. Mais trigo, mais milho, mais café e mais de outros generos barateavam a alimentação e faziam crescer a riqueza publica. Mas sobre impostos e mais impostos, guerra e affronta ao trabalho das artes e officios é muito desacertado. A industria do sapateiro então é uma das mais prejudicadas pelo governo na sua Penitenciaria!

**Falecimentos.**—Faleceu no Porto o nosso collega Francisco Pinto Sequeira, com deposito de calçado na rua de Cedofeita (31 Maio). Tambem temos a registrar a morte do nosso honrado collega portuense o sr. Manoel Caetano Ferraz. A's suas viúvas os nossos sentidos pezaes.

**Ao ex.<sup>mo</sup> dr. Simões Ferreira.**—Um aperto de mão pela sua corajosa deliberação de declarar em pleno parlamento que os liberaes não morreram, os antigos te em agora successores em maior numero. Admiramos a desiaçatez com se advoga em publico, no anno de 1893, a restauração dos frades!

**Exposição Industrial.**—Nota-se com sentimento que a industria do calçado fracamente se represente na exposição que vae realisar-se no edificio do Museu industrial, em Belem. Callamos por hoje os motivos que explicam a abstenção. Na nossa associação duas vezes se tem tentado promover uma exposição collectiva.

**Gatunagem e desfalques.**—Crescem na proporção do desenvolvimento da miseria, da prostituição, do luxo e da pandega.

**Casas a mezes.**—A fartura do dinheiro é tanta, que já se procura pagar o aluguel das habitações maiores a mezes. O imposto da renda de casas em tal situação é uma violencia, mas é teimar, sr. ministro da fazenda, o povo pôde e deve pagar, o Estado carece de mais dinheiro.

**Os de Lagos.**—Os sapateiros de Lagos combinaram-se em não fazerem concertos senão nos calçados feitos na localidade. Não de ganhar muito com isso.

**Já ás semanas.**—Alugam-se casas de 3, 4, 5 e 6 divisões para se receber o aluguel em prestações semanaes. Escolas Geraes, 3, portão de ferro.

**Assucar.**—Subiu o preço; bravo, isto vae cada vez melhor! Venha mais uma contribuição; e nós sem podermos vender mais caro o calçado. O calçado ordinario e falsificado está em campo victorioso, nunca foi tão procurado como n'esta epocha de miseria.

**Alfandega de Loanda.**—Despachava-se ali calçado estrangeiro com o nome de nacional. Falta espaço para nos occuparmos d'esta fraude.

## FABRICA DE CORTUMES ESPERANÇA

DE

## Benitez, Loureiro, Centeno & Coelho

Officinas movidas a vapor e processo electrico

Ribeira d'Alcantara — VILLA POUCA

LISBOA—Escriptorio—Rua dos Douradores, 41, 43

MARCA REGISTRADA

Unicos socios: — Firmino Benitez Lopez, Ricardo Loureiro, Domingo B. Centeno, Ernesto Coelho

Fabricação especial de vitellas pretas (imitação do veau-ciré)

Vitellas brancas — Couros de todas as qualidades e pelles miudas

Correias de transmissão de todas as larguras dobradas ou singelas e atilhos

# JACINTHO J. RIBEIRO

GRANDE DEPOSITO DE ARTIGOS PARA CALÇADO

2

Lisboa — 194, Rua dos Fanqueiros, 200 — Lisboa

Pelleria de côr  
em todas as qualidades  
para  
calçado de verão



Sortimento colossal  
de FORMAS  
de todos os modelos  
e tamanhos

Tem sempre avultado sortimento de fazendas da sua especialidade, que recebe directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras

## MANUFATURA DE COUROS ENVERNISADOS

Bezerros pellicas e pretos engraxados

# GASQUIEL — DONZEL

à AUBERVILLIERS (Seine, França)

Depositos em Paris

30, rue de Rambuteau

Representado por DIEGO ARACIL

31, MAGDALENA = MADRID

4

**Fabrica a vapor de Alpargatas**

**Gonzalez & Tejedor**

7 — RUA DO BOM SUCESSO — 7

LISBOA — BELEM

Diversidade de qualidades para homens, senhoras e meninos para uso da rua, de casa e de banho

Deposito em Lisboa na Rua da Alfandega, n.º 114 — CASA VERGA & C.ª

3

## P. PLANAS

92, Calle de San Pablo, BARCELONA

Constructor de máquinas especiales para la fabricacion de calzado  
Miembro de la Academia Nacional de Paris, y de la Sociedad Científica Europea, de Bruselas  
Premiado con medalla de oro  
en Barcelona y Bruselas, y de plata en Paris y Buenos Ayres

Ofrece à los fabricantes e zapateros portuguezes, toda clase de maquinaria la más perfeccionada que se construye en el dia, como lo acredita el haber montado las principales de España y Sud-America.

5

Envio de catálogos detalhados segun demanda

## DEPOSITO DE MATERIAS PRIMAS

PARA SAPATEIROS E CORREEIROS  
DE

# RICARDO DIAS & C.ª

159, Rua dos Sapateiros (Arco Bandeira), 1.º

LISBOA

Artigos de fabricantes acreditados, e de marcas conhecidas n'este mercado

6

Vendas por grosso

## ALFREDO CARVALHAL

Calçado fabricado

PELO

SYSTEMA DE PREGO

Solidez e perfeição

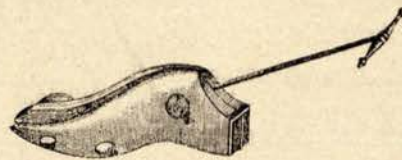
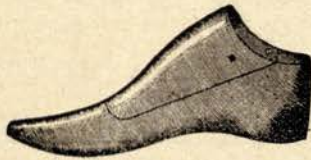
R. Aurea, 258

7

T. de Santa Justa, 90

# F. CUNHA

DEPOSITO POR GROSSO  
DE  
MATERIAS PRIMAS PARA CALÇADO



Unico depositario em Portugal das  
acreditadas fôrmas para calçado de Belvallette Frères  
em diferentes modelos

67, RUA DO CRUCIFIXO, 67  
LISBOA

8

## PÓ DINAMARQUEZ

Para tinta de sapateiros e surradores já experimentado com aprovação  
por muitos fabricantes de calçado em Lisboa e Porto

50 grammas em meio litro de agua a ferver produz tinta preta para immediata  
applicação em sola e pelles, tanto pelo lado do carnoz como pela flôr.  
Vende se em saquinhos de papel de 50 grammas a 40 rs. Em porções de um kilo  
para mais se faz abatimento.

Agentes em Portugal — GOMES & FILHOS

LISBOA — 190, Rua dos Fanqueiros, 192

9

## JOÃO VERISSIMO PEREIRA

181, R. Direita de Oeiras, 181

OFFICINA  
DE

### Sapatos de trança

Preços por duzia sem desconta  
to para mulher n.ºs 1 a 5, 47020  
réis, para homem n.ºs 6 a 11,  
47800 réis.

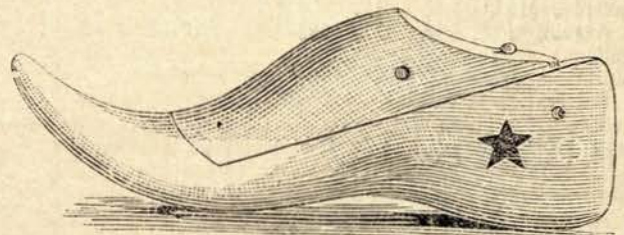
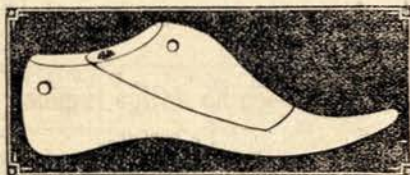
10

## UNICO DEPOSITO DE FORMAS ALLEMÂS

240 - RUA DOS FANQUEIROS - 242

João Ignacio Romão

Com armazem de sola e pelles de varias fabricas nacionaes  
e estrangeiras



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Rua dos Correios, 211, 1.º (vulgo travessa da Palha)  
EDITOR — José Garcia de Lima.

Typ. do Commercio de Portugal — Rua Ivens, 35 a 41.